WEBER, JEAN-PAUL, *La Psicologia del Arte*. "Biblioteca del Hombre Contemporaneo". Editorial Paidós. Buenos Aires, 1966. 162 páginas. Trad. de Gladis Romero, do original "La Psychologie de l'Art", "Presses Universitaires de France", Paris.

Jean-Paul Weber, conhecido estudioso de obras de arte, principalmente poéticas, desenvolve neste pequeno volume, tese singular e hàbilmente exposta.

Na introdução, o A. explica o que entende por psicologia da arte, desta forma: "o estudo dos estados de consciência e dos fenômenos inconscientes, relativos à criação e à contemplação da obra de arte". Para esclarecer êsse pensamento, compara a psicologia da arte com outros estudos: estética, filosofia da arte, ciência da arte e crítica da arte, apontando as diferenças.

Embora não se confunda totalmente com nenhuma delas, a psicologia da arte concorre para cada uma dessas disciplinas. Mesmo guardando sua autonomia e fisionomia próprias, está situada numa série de teorias e práticas ligadas à obra de arte. Por isso, é importante para o filósofo, o psicólogo e o próprio artista.

Num pequeno histórico o A. aponta a evolução sofrida desde Fechner, que aplicou métodos experimentais, nêles distinguindo três: o da seleção, o da produção (com os elementos: coisas sensíveis, forma e conteúdo), e o método dos objetos usuais. Outros estudiosos o seguiram, aplicando métodos para avaliar o comportamento do artista e analisar-lhe os significados através da personalidade, chegando até à psicanálise da arte.

A tese do livro está em considerar a arte como função e atividade, situada na confluência do espectador, do artista e da obra.

Distingue o A., de início, três psicologias: a da contemplação, a da criação e a da obra, dessa forma tendo planejado o livro, em três capítulos.

O primeiro é denominado "Dialética da contemplação estética". Para êle a contemplação é um estado misto, repleto de tensões múltiplas, muitas vêzes contraditórias. O prazer estético, além disso, não é um estado fixo, mas uma "onda intermitente e confusa que ora nos submerge e nos desconcerta, ora nos aflora ligeiramente como a asa de uma lembrança, outras ainda se cala, e é o que chamaríamos tédio".

Essa experiência móvel é antes do mais afetividade, mas também nela está implícita o elemento sensorial e o intelectual. Entre a sensação pela qual começa a experiência estética e a intelecção, que é a conclusão possível, está situado o cerne da obra de arte que é a emoção estética.

Dentro dêsse tema de sensação e análise do belo e poesia, dá o A. realce ao sentimento estético com tôdas as modalidades que

ocorram. Que se deve entender, porém, por "emoção estética"? As várias respostas que procura nas afirmativas dos estudiosos do assunto são apresentadas de maneira simples e clara. São perguntas como as seguintes:

Será um sentimento *sui generis* ou múltiplo? Estará impregnado de prazer-desprazer? Quais os tipos de prazer que encerra? É o sentimento estético realizante-irrealizante? A experiência estética exige a crença na realidade e conhecimento da irrealidade? É o sentimento estético pessoal-impessoal? interessado-desinteressado? É um jôgo-sério? É impureza e pureza? Verdade ou mentira? Significativa ou sem significado?

No segundo capítulo, "Análise da Criação Estética" começa por estabelecer a diferença, que êle considera "muito grande", entre criação estética e o descobrimento científico. Aquela vem do íntimo do artista, enquanto a segunda se impõe ao sábio, de modo geral, das impressões exteriores.

Partindo daí, propõe-se a analisar a relação existente entre a criação e a obra; a criação e o artista; a criação e o público. Isto é, os problemas da inspiração, do gênio e do destino do artista.

O último capítulo refere-se à "Ontologia da Obra". Chama o A. a atenção para o fato de que "tôda obra de arte requer, para realizar-se, um conjunto de condições de caráter geral e formal", as quais dá o qualificativo de dominantes.

A fenomenologia da obra levanta a questão de saber quais são essas dominantes, e a ontologia da obra o porquê dessas dominantes. Nesse ponto, o A., situa a emoção estética como procedente da infância, no que segue muitos dos que anteriormente trataram do assunto.

O A. analisa as dominantes na pintura, na música e na poesia, mostrando que "tôda arte restitui ao espectador um pouco de sua infância e, ao mesmo tempo, o ambiente de uma infância alheia. Cada obra é êle próprio e o outro, eu e os demais, um e todos".

Concluindo, considera a psicologia da arte como um esfôrço em descrever e interpretar os aspectos essenciais do fenômeno "arte", que são a contemplação, a criação, e, finalmente, a obra, encarada como realidade autônoma.

LEONILDA D'ANNIBALLE BRAGA